

trabalhar uma outra relação com os modos de habitar o currículo na educação infantil; forças que contribuam para práticas curriculares antirracistas, anticapitalistas, brincantes, contra-hegemônicas, descolonizadoras, contracoloniais. Para a educação das crianças pequenas, que ainda não foram submetidas à dispositivos disciplinares coloniais, ousamos sonhar uma pedagogia contracolonial. Pois, para educadoras/es da primeira infância, o desafio não é descolonizar, mas propor uma educação que apresente a elas possibilidades outras de ser, de sentir, de existir, fora da caixinha da modernidade colonialista.

De modos distintos, os autores que dialogamos nesse texto nos convidam a uma reeducação do olhar. Embora não tenham se debruçado sobre os estudos da infância, suas teorias potencializam a discussão sobre as práticas curriculares com crianças, pois auxiliam na compreensão de que uma educação potente é a que abre espaços para os fluxos de um corpo que pulsa e vibra na educação infantil, aquela que produzir conhecimento e aprendizagem a partir da afirmação de afetos alegres, do espírito de coletividade, da ginga (RUFINO, 2021), dos corpos vibrantes, o que o tempo livre propicia.

Sintonizadas com esses autores desejamos que a escola seja vista como ela é e não como as formas que a oprimem querem que a vejamos. Assim, temos perseguido práticas curriculares descolonizadoras, antirracistas e que escapem à lógica da produtividade exigida pelo capitalismo selvagem. Apostamos em um processo descolonizador, por isso, ético, estético e político de (re) existências com uma responsabilidade (po)ética diante da vida, concordando mais uma vez com Rufino que “àqueles que têm a experiência colonial como marca demanda-se uma atitude responsável em relação à vida” (2021, p.10) e assim ao apostarmos em práticas curriculares desemparedadas, do tempo livre, dos corpos vibrantes com bebês e crianças temos feito ecoar nosso “sim” para outros modos de habitar o currículo da educação infantil: plurais, indígenas, negros entre *outros*. Essa forças contracoloniais que investimos na educação infantil “é parte de um refazimento de si, um reposicionamento em relação aos tantos outros que existem e dão o tom de que somos seres inconclusos e que estamos a atravessar a existência na relação com tudo que faz morada” (idem, p.10). Almejamos um currículo que afirme as forças transgressoras de uma instituição que acolha a diferença e faça a vida pulsar.

A escola pode favorecer o tempo livre, os afetos, o brincar, na medida em que responde à vontade de expansão dos bebês e das crianças. Em uma educação adultocêntrica, esses vão perdendo a espontaneidade, ficam acuados diante da existência de respostas certas, propostas tradicionais (atividades de ligar pontinhos, cartilhas com letras para cobrir, músicas com finalidades de ordenamento e oitos horas, em média, presos nas salas de referências), maneiras predefinidas de fazer...com isso, os gestos da criação, expansão e inventividade vão perdendo suas forças.

O enfrentamento com essas questões abre espaços de diálogo com as reflexões desenvolvidas por Jan Masschelein e Maarten Simons, sobre o próprio entendimento da instituição escolar, ao defenderem a escola de 'tempo livre' (skhloé), com o indígena Ailton

krenak (2020) que nos alerta para o papel perverso da escola na sustentação do projeto colonialista como condição para habitar e atender as demandas desse mundo mercadológico e com Spinoza (2009) quando afirma a questão dos afetos como forma de promover bons encontros com o conhecimento, permitindo assim, que as crianças sejam afetadas ao máximo pelas paixões alegres e fortalecidas em sua potência de agir.

A partir das reflexões que esses autores provocam, surgem outras indagações: o que podem os encontros das crianças nas instituições de Educação Infantil? Como os pequenos lutam para perseverarem em seus desejos? Como essas instituições podem tornar-se espaço de vivência alegre e afirmar um currículo brincante, não devorador e aprisionador do tempo livre, as quais não produzem experiências de servidão aprisionadora de corpos?

Não é raro presenciarmos o desmoronamento de práticas curriculares que buscam iniciativas contra-hegemônicas, do cuidado de si e do outro, do inusitado, do imprevisível, do comunitário, do decolonial; professoras que vêm buscando implementar práticas comprometidas com uma ética e estética de existência que são constantemente enfraquecidas por um mundo que busca uma ordem de subjetividade outra, em que predominam interesses pessoais sobre os coletivos. (Re)afirmamos que a luta contra o colonialismo passa por um currículo dos afetos, do tempo livre, do corpo brincante, comprometido com a diferença e a imanência da vida, um projeto de vida coletivo defendido por Krenak (2019, 2020) e de descolonização de Rufino “atos paridos nos vazios daquilo que se arroga o único curso possível. Defesa, ataque, ginga de corpo, malandragem que contraria, esculhamba, rasura, transgride, desmente e destrona o modelo dominante” (2021, p.5).

Um convite à caminhada contracolonial passa por propostas que se opõem a que nossos corpos sejam assujeitados por modos únicos de viver a realidade, rotinas que vampirizam os seres, impedem suas expressões autênticas. Um basta ao projeto colonialista docilizador exige um resgate das nossas ancestralidades para operarmos com forças de vida, com desejos, com intuição e relações de afeto. E, nas aberturas desses encontros, (re) criarmos outros mundos capazes de rachar com os modelos escolarizantes cartesianos calcados na razão pelas vias do livre brincar, do desemparedamento, do direito de livre circulação e de livre escolha, livre convivência entre as crianças, independente de faixa etária.

Reafirmamos o sonho com uma pedagogia contracolonial, fora da caixinha da modernidade colonialista. Caixinha aprisionadora do pensamento, do corpo... modelo escolar cujo currículo se presume dono dos seres, condutor de seus destinos, de sua vida. Não é!

Palavras-chaves: Currículo. Educação infantil. Afeto. Tempo livre. Contracolonial

Referências Bibliográficas:

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda: educação e descolonização.** Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SPINOZA, Baruch. **Ética.** Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.